

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Adriana Torquato Resende¹

De acordo com Bezerra e Siqueira (2011, p. 121), Peter Gay nasceu em Berlim, em 1923. É doutor pela Universidade de Columbia, onde lecionou entre 1962 e 1969. Sendo historiador norte-americano e professor emérito da Universidade de Yale, realizou pesquisas significativas sobre a Inglaterra vitoriana e a moral burguesa. De acordo com Burke (2008, p. 142) “Peter Gay, seguindo sua formação em psicanálise, passou da história intelectual da Idade da Razão para a psico-história dos amores e ódios da burguesia do século XIX.”

Gay é um historiador reconhecido por sua erudição. Segundo Melo (2011, p. 232) “seus trabalhos estão voltados para uma história social das ideias e da sensibilidade nos séculos XVIII e XIX no mundo europeu”.

A obra *Represálias Selvagens* analisa três romances classificados como realistas: *Casa sombria*, de Charles Dickens; *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; e *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann. De acordo com Melo (2011, p. 232) o tema central da obra é a relação que pode ser estabelecida entre realidade e ficção.

O romance realista estuda os personagens em detalhes, tratando principalmente da relação entre o indivíduo e a sociedade, abordando conflitos sociais, como por exemplo, em *Casa sombria*, os “[...]conflitos entre a classe operária e a classe média, que se tornaram mais acirrados [na Grã-Bretanha] por volta da metade do século [XIX].” (GAY, 2010, p. 62).

Segundo o autor, na Inglaterra, durante a chamada época vitoriana, a burguesia impunha seu ponto de vista conservador e moderado. A literatura romântica desse período se caracterizava por combinar a denúncia das injustiças sociais com o humor e a sátira, apresentando nuances de sentimentalismo.

Peter Gay defende a ideia de que a literatura pode ser uma fonte eficiente para investigar a realidade. Ele afirma que *Represálias Selvagens* “é um estudo de romances como um tesouro possível (e possivelmente traiçoeiro) de conhecimento” (GAY, 2010, p. 15). Ele ainda coloca que o romance

¹ Pedagoga e mestre em teologia. Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

[...] encontra-se na intersecção estratégica entre a cultura e o indivíduo, o macro e o micro, apresentando ideias e práticas políticas, sociais, religiosas, desenvolvimentos portentosos e conflitos memoráveis, num cenário íntimo. Lido de forma correta, promete tornar-se um documento extraordinariamente instrutivo. (GAY, 2010, p. 16)

Pode haver um questionamento sobre o que o autor quis dizer por “lido de forma correta”, pois há diversas leituras que podemos fazer diante de qualquer obra. Uma leitura com um viés sociológico, filosófico ou psicanalítico não podem ser consideradas em si mesmas como corretas ou incorretas, trata-se tão somente de diferentes formas de se compreender um objeto.

Gay coloca que o romance é como um espelho que produz reflexos imperfeitos. Reflete as contingências sociais através dos conflitos que ocorrem dentro da mente de seus personagens: “[...] reações a maus tratos na infância em *Casa sombria*, desilusão conjugal, em *Madame Bovary* e fortunas em declínio em *Os Buddenbrook*.” (GAY, 2010, p. 18). Porém estes reflexos são imperfeitos por serem limitados pelas características particulares dos autores, seus preconceitos, seus traumas e suas cosmovisões.

Percebemos que o autor possui uma percepção dualista em sua obra, evidenciada nas dicotomias realidade X ficção, fatos X fantasia. Mas nem sempre é possível separar o real do fictício. De acordo com Burke (2008, p. 127) história e mito muitas vezes se confundem. Nós reconstruímos representações do passado histórico, que não passam muitas vezes de projeções de valores. Há uma linha tênue que separa os fatos de sua representação, pois é preciso levar em conta quem registrou esses fatos, como e por que eles foram transcritos.

A abordagem psicanalista de Peter Gay pode ser percebida através das observações que ele faz acerca dos desejos e ansiedades inconscientes dos personagens analisados. Ele mesmo admite sua simpatia e comprometimento com esta linha de interpretação, reconhecendo seus riscos, mas sem conseguir desvincular-se dela.

As observações de Gay sobre os personagens que ele analisa parecem evidenciar o que Freud descreveu como o sentimento de “mal-estar na civilização”. O pai da Psicanálise coloca a tese de que a cultura produz um mal-estar nos seres humanos, pois existe um antagonismo entre as exigências da pulsão (sexo e agressividade) e as da civilização. Assim, para o bem da sociedade, o indivíduo precisa renunciar à satisfação de seus desejos. Paradoxalmente, mesmo quando essa renúncia não acontece, o indivíduo não alcança a felicidade. O sentimento de culpa é um aspecto central da relação do indivíduo com a cultura (FREUD, 1996).

O primeiro capítulo de *Represálias selvagens* trata da obra de Charles Dickens em *Casa sombria*. Gay (2010, p. 20) coloca que Dickens muitas vezes utilizava métodos demagógicos para atrair seus leitores, parecendo “falar aos desejos de bondade e justiça de muitos de seus contemporâneos”, alcançando assim grande popularidade.

Gay coloca que há indícios de sentimentos conflitantes e não resolvidos de Dickens com as mulheres, especialmente com a mãe, o que reflete na idealização de suas heroínas, que eram angelicais e perfeitas. O mesmo autor destaca que a maior parte dos personagens virtuosos no romance de Dickens “são de uma virtude inacreditável” (Idem, p. 60). Eles são colocados como um contraponto à insensibilidade e perversidade das instituições inglesas.

Dickens afirmava que “suas ficções eram construídas a partir de fatos” (GAY, 2010, p. 33), ele se preocupava em ser fiel ao gênero realista. *Casa sombria* é um dos seus romances políticos, no qual Dickens denuncia o abuso da autoridade e a lentidão da justiça, muito provavelmente em função da desagradável experiência que ele viveu na Corte de Chancery. Em 1844 ele processou um editor por plagiar uma de suas obras, mas abandonou a causa em função da ineficiência e da injustiça da lei. Seu romance *Casa sombria* é uma represália a essa situação: é a sua vingança, “a palavra de um homem zangado” (GAY, 2010, p. 53). Sua sátira denuncia as mazelas da sociedade britânica. Ele transformava as grandes controvérsias públicas em questões particulares, transitando assim entre o micro e o macro, entre o indivíduo e a sociedade (Idem, p. 150).

Isso nos remete às discussões de Burke (2008, p. 60-64) em relação à chamada micro-história, que é uma reação ao modelo da história econômica, uma alternativa à macro-história e à “narrativa grandiosa”, como a Revolução Francesa e a Industrial, por exemplo. Neste tipo de narrativa evidencia-se apenas o que se quer evidenciar. Neste ponto, acreditamos que a contra-narrativa, a dos grupos minoritários, pode ser resgatada por meio da ficção. Peter Gay critica o fato de que, nos romances de Dickens, as únicas soluções para os males públicos eram as ações privadas de pessoas morais e perfeitas (GAY, 2010, p. 59).

Julgamos que o título dado ao capítulo primeiro de *Represálias selvagens* é apropriado, pois Dickens poderia ser considerado um anarquista em função de sua manifesta hostilidade à autoridade e sua “aversão incontrolável pelas instituições políticas e legais da Grã-Bretanha” (GAY, 2010, p. 64).

O capítulo 2 analisa *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. O romance, escrito em 1856, mostra a cultura da classe média na França do século XIX: na visão de Flaubert, uma sociedade marcada pela hipocrisia, preocupada com a aprovação pública e com as oportunidades de ascensão social. Emma Bovary, personagem principal, é um “exemplo de inautenticidade geral, uma pequena réplica de sua sociedade” (GAY, 2010, p. 100).

O autor coloca que Flaubert tinha grande preocupação em aproximar suas ficções da realidade. Assim, diferente de Dickens, “[...] nenhum dos atores em *Madame Bovary* nem suas atuações ultrapassavam as fronteiras da natureza humana comum.” (GAY, 2010, p. 69).

Madame Bovary é a história de uma jovem que se casa com um oficial da saúde. Desiludida com o casamento, ela se entrega a fantasias abomináveis, sendo explorada por dois amantes. Mergulha em dívidas em função de seus casos extraconjugais, cai nas mãos de um agiota implacável e comete suicídio. Para Gay, uma história notadamente plausível.

Flaubert buscava a verdade na ficção e explorava a mente de suas criações. Quando ele afirmou: “Madame Bovary c’est moi”, atestou o seu dom de “entrar nos recintos mais secretos de seus personagens.” (GAY, 2010, p. 71), demonstrando sua paixão pela verdade. De acordo com Gay, Flaubert penetrava profundamente em suas criações a ponto de não conseguir separar-se delas. Isto lhe causava sofrimento, pois chegava a sentir fisicamente o que seus personagens sentiam. Acontecia com ele uma verdadeira somatização.

Flaubert combateu o romantismo degradado, ele se via como “um romântico com uma paixão pela realidade” (GAY, 2010, p. 74). Contudo, ele valorizava mais a arte do que a verdade. Para o autor de *Madame Bovary*, os bons tempos eram aqueles nos quais as pessoas acreditavam na arte. Ele fazia referências maldosas à cultura francesa e chamava seu tempo de “o século podre” (BOUILHET, s/d apud GAY, 2010, p. 77).

Peter Gay classifica a mente de Flaubert como doentia. Fiel às suas ideias psicanalíticas, ele coloca o autor de *Madame Bovary* como o “anatomista fóbico”. Afirma que seus ódios eram sintomas e suas fobias eram uma defesa contra a ansiedade, a qual ele nem sempre conseguia controlar. O autor coloca que Flaubert tinha uma visão de mundo neurastênica, na qual persistiam os problemas infantis não resolvidos.

Madame Bovary explora a questão da sexualidade e foi considerado por muitos como uma obra obscena e insultante. Seu autor chegou a ser processado e julgado. Mesmo absolvido, o fato alimentou sua fobia da burguesia.

Peter Gay coloca que “assim como Dickens, Flaubert alimentava rancores [...] contra toda a sociedade”. Embora Gay aprecie e exalte o romance como uma obra estimulante e pertinente, coloca que o uso dele para um historiador é “severamente limitado”, pois “apesar de todo compromisso com o princípio da realidade, o romance não é uma apresentação desinteressada da evidência” (GAY, 2010, p. 102). A obra trata mais das ansiedades do autor do que da realidade francesa.

O terceiro capítulo trata da obra *Os Buddenbrook*, de Thomas Mann, publicado em 1901. O herói deste romance, Thomas Buddenbrook, é um “tipo social, um burguês inquieto da velha cepa que hesitantemente abraça o destino de um burguês moderno” (GAY, 2010, p. 150). Seu casamento é infeliz, seu filho é distante e alheio, ele sofre com o tédio dos deveres públicos. Este personagem representa muitas vidas da classe média.

O romance mostra a ascensão e a decadência de quatro gerações de uma família de negociantes, desde 1830 até cerca de 1880. A ênfase é na decadência, mostrando os Buddenbrooks como “aristocratas bairristas e presunçosos”. Seus inimigos são os Hagenströn, capitalistas inescrupulosos.

Thomas Mann apresenta um viés mais filosófico. Seus mestres foram Richard Wagner, Schopenhauer e Nietzsche. Mann almejava a conquista do transcendental. Era um “realista que não desejava ficar aprisionado pelo princípio da realidade” (GAY, 2010, p. 108).

Embora o romance apresente lutas pelo poder econômico e social, o maior interesse de Mann era “biológico-psicológico – uma fascinação pela alma humana” (GAY, 2010, p. 111), enfocando a questão da vida e da morte. Sendo pessimista e irônico, sua obra procura mostrar que o amor implica e atrai a morte. A metafísica, a música e o erotismo são temas marcantes em seu romance.

As tendências homoafetivas de Mann também influenciaram as suas obras. Ele “[...] empregava generosamente suas máscaras para dar vazão a desejos homoeróticos e, ao mesmo tempo, para disfarçá-los.” (GAY, 2010, p. 133). Sua famosa novela *Morte em Veneza* conta a triste história de um velho escritor que se apaixona por um adolescente polonês, paixão esta que leva o escritor à morte. Transformado em filme, *Morte em Veneza* (1971 – dirigido por Luchino Visconti) também apresenta como temática central a decadência, mostrada tanto na paisagem da cidade quanto nas relações humanas deterioradas. No filme, em lugar de escritor, o protagonista é um músico que não assume sua arte decadente. Embora o filme seja um hino ao amor e à beleza, esse amor é platônico (não consumado) e o belo se configura na admirável trilha sonora, nas várias cenas que focalizam a água (símbolo de fluidez e instabilidade) e nas vielas da cidade (símbolo de indeterminação, pois elas parecem um labirinto).

É notável que no romance *Os Buddenbrooks*, Thomas encontra um livro de Schopenhauer e fica maravilhado com a obra. Este filósofo é conhecido por sua visão pessimista e realista de mundo, fato que não podemos considerar como uma coincidência.

Mann escreveu este romance como um ato de vingança contra o seu público e a sua família. Gay coloca que provavelmente esta vingança seja, no fundo, um retrato de seu ódio contra si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte final do livro, Peter Gay tenta convencer os leitores de que o romance realista pode ser uma eficiente fonte de pesquisa para descrever e explicar a realidade.

Ele argumenta contra ideias como a de que os fatos são criados e não passam de meras interpretações, sendo uma construção social. Para isso, utiliza argumentos como o de Thomas Kuhn, que “sustentava que o mundo externo é real, nem construído, nem inventado” (GAY, 2010, p. 142).

Contudo, Gay admite que os procedimentos utilizados pelos historiadores não são infalíveis e que muitas vezes eles discordam entre si. De fato, reconhecemos que é bem pouco provável que alguém descreva um fato de maneira neutra ou imparcial.

Concordamos com a colocação do autor de que a ficção pode trazer contribuições significativas para historiadores e educadores, contanto que se tomem alguns cuidados, como o próprio autor sinalizou ao afirmar que “Dickens deve ser lido com cautela” pelos estudiosos do passado e que *Madame Bovary* “não era uma apresentação desinteressada da evidência” e que “dizia mais sobre as ansiedades do autor” do que sobre a França (GAY, 2010, p. 102).

Finalmente, Peter Gay se refere às contribuições de Garcia Márquez, especialmente em sua obra *O outono do patriarca*, na qual se pode ver a força dos acontecimentos reais sobre a ficção. Ele afirma que Márquez “escreveu um romance profundamente histórico” (GAY, 2010, p. 156).

Se entendermos a História Cultural como uma maneira de aproximar as pessoas, de provocar o diálogo entre elas, de incentivar o pensamento e de direcionar os olhares na perspectiva do micro e do macro, concordamos que a literatura ficcional pode lançar algumas luzes no passado e no presente, trazendo uma compreensão mais abrangente da realidade. Só não podemos esquecer que a linguagem, a fantasia e a realidade não são conceitos “puros”, misturando-se tanto na ficção quanto na narrativa histórica.

A frase “pode haver história na ficção, mas não deve haver ficção na história” (GAY, 2010, p. 150) é colocada pelo autor como um ideal a ser alcançado pelos historiadores. Contudo, as contingências históricas e o pensamento filosófico predominante em cada época podem comprometer esse ideal, pois sempre pode haver uma releitura e uma ressignificação dos fatos de acordo com os padrões culturais e o momento histórico contemporâneo. Portanto, como coloca Melo (2011, p. 234), Peter Gay evidencia que deve haver uma interlocução entre a literatura e a história, mas isto precisa ser feito a partir de uma rigorosa investigação, questionamentos e pesquisa de outras fontes.

Referindo-se à incerteza acerca do conhecimento, Morin (2003, p. 31-33) coloca que “o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica”. Para ele, a educação tem o dever de nos levar à lucidez e uma das formas de se fazer isso é valorizar o questionamento e a reflexão. As interrogações sobre as possibilidades de conhecer nos ajudam a caminhar em direção à complexidade e a superar o conhecimento simplista.

Morin também afirma que, para enfrentar as incertezas, precisamos estar prontos para o inesperado. Como Freud já havia colocado, é impossível que tenhamos plena consciência do que se passa em nossa mente. Segundo Morin (2003, p. 84-85), a mente “conserva sempre algo de fundamentalmente inconsciente”.

Todas essas questões nos fazem pensar na educação e no papel da escola, pois os estudantes tendem a reproduzir aquilo que tem impacto na cultura. De acordo com Vygotsky, a consciência só emerge num contexto sócio-histórico e a escola é o espaço privilegiado de formação da consciência. Seu conceito de “zona de desenvolvimento proximal” enfatiza a importância do estímulo cultural, pois o aluno aprende com seus professores e com seus pares.

Assim, mais do nunca, há a necessidade de pensarmos e repensarmos o nosso momento histórico, procurando redefinir e recriar a nossa identidade como professores, como cidadãos, como habitantes do planeta. É preciso redimensionar nossas relações com o outro e com o mundo.

Como já dissemos, Peter Gay coloca que o romance realista pode ser uma eficiente fonte de pesquisa para descrever e explicar a realidade. Do mesmo modo, diversos gêneros narrativos podem ser utilizados para promover o pensamento crítico e ampliar a visão de mundo, em inúmeras situações de aprendizagem, mediante a ressignificação de seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, A. C.; SIQUEIRA, M. G. Resenha: GAY, Peter. *Represálias Selvagens: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. *Littera Online*, São Luis, v. 2, n. 3, p. 121-127, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicosletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/456/279>>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- BURKE, P. *O que é História Cultural?* 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FREUD, S. Obras psicológicas completas da edição Standard Brasileira. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, [1930] 1996.
- GAY, P. *Represálias selvagens: realidade e ficção na Literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MELO, A. A. M. C. História e literatura, segundo Peter Gay: apropriações da realidade. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 231-234, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/melo.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2011.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

